



Pancadas brilhantes

Perguntas Miguel Seabra, fotos Nuno Correia
Styling Ricardo Preto

O passado e o futuro cruzaram-se no histórico palco de visitas do ténis nacional. Numa ensolarada manhã, a jovem número um portuguesa Maria João Koehler visitou o vetusto Centralito do Jamor para desafiar o tempo e confessar os seus sonhos.

No ténis, onde não há limites de tempo e o sistema de pontuação pode permitir que um encontro se prolongue indefinidamente, o que importa é agarrar o momento, segurar o ascendente na altura certa. E não foi fácil agarrar Maria João Koehler e segurar a sua atenção – primeiro, porque ela, como qualquer tenista profissional durante a temporada regular, está permanentemente em deslocação de torneio para torneio e de treino para treino; depois, porque é uma jovem irrequieta de olhar constantemente traquinas. Como diz o seu treinador Nuno Marques, esquerdino como ela e antigo número um português, «a Maria João está permanentemente ligada à corrente elétrica»... e talvez essa seja a melhor definição jamais feita de uma jovem com sangue na guelra e que parece não ter medo (afinal de contas, é uma indefetível do S. L. Benfica que mora na cidade do Dragão!).

Aos 20 anos, Maria João Koehler está na iminência de concretizar o primeiro grande objetivo a que desde muito cedo se propôs: entrar no top 100 mundial. Longe vão os tempos das meninas-prodígio que surgiam precocemente ao mais alto nível: hoje em dia, existe a age *elegibility rule* que impede as adolescentes de se tornarem profissionais a tempo inteiro e que rege a conta-gotas as suas participações no circuito, além de o nível médio ser muito superior e tornar a eclosão ao mais alto nível mais difícil. Mas a fogosa portuense tem subido paulatinamente os degraus previstos e até já tem marcos importantes na sua carreira: defrontou a campeoníssima Kim Clijsters na Rod Laver Arena (um dos quatro principais *courts* centrais do mundo) e quase derrotou a ex-número um mundial Jelena Jankovic no Open da Austrália; defrontou uma jogadora local (Alizé Cornet) no Court Suzanne Lenglen, em Roland Garros; entrou diretamente no quadro principal de Wimbledon para se estreiar na Catedral do Ténis. Para trás, vários títulos juvenis e, sobretudo, quatro troféus consecutivos de Campeã Nacional Absoluta – alguns alcançados no mesmo Centralito, erguido em 1945 e cuja arquitetura faz dele um dos mais belos recintos de ténis do

mundo, onde ela se vestiu de maneira diferente e partilhou alguns dos seus pensamentos enquanto recém-nomeada ‘Embaixadora TAG Heuer Portugal’, juntando-se a um núcleo de desportistas lusos que inclui o também tenista Pedro Sousa e os pilotos Pedro Lamy, Miguel Barbosa e Filipe Albuquerque.

O que é que torna mais difícil a atividade de um tenista profissional?

Sobretudo estar muito tempo fora de casa; viajo à volta de 30 semanas por ano e não é fácil estar constantemente em viagem – mas até gosto, gosto de treinar, gosto de competir e não trocava a minha vida por nada. É algo que me dá muito prazer e é claro que às vezes é duro, porque há dias em que acordo mais cansada e seria bom ficar a descansar um pouco mais, mas são raras as vezes em que isso acontece e vale a pena acordar todos os dias de manhã para ir treinar.

Tendo uma personalidade tão competitiva, como se gere a situação de que no ténis só há um vencedor no final de cada torneio e todos os outros jogadores têm de lidar com a derrota?

É muito complicado, porque sou ambiciosa e entro sempre para ganhar, mas tenho de aceitar que a derrota surge de modo quase semanal para a grande maioria dos tenistas – só mesmo os melhores do mundo e o jogadores do top 10 têm claramente mais vitórias do que derrotas ao longo do ano. Tenho de lidar com isso e tentar ganhar cada vez mais para contrariar essa estatística.

Que características fazem de si a jogadora que é e o que a fez chegar onde já chegou?

Tenho uma personalidade forte, sou ambiciosa... mas sempre com os pés no chão. Tenho força de vontade, determinação – tudo coisas que o meu treinador me transmitiu desde muito cedo. A minha personalidade também se foi construindo por causa do ténis e, obviamente, a minha atividade influencia a pessoa que sou e ajuda-me a lidar com a vida do dia a dia; eu diria que é a minha forte personalidade que faz de mim a pessoa e a jogadora que sou hoje.

Como é que surgiu o ténis, em detrimento de qualquer outra modalidade?

Não foi nada de muito premeditado. Entrei por brincadeira no ténis para poder jogar com os meus primos no verão, em Vila do Conde; eles jogavam e eu detestava não poder jogar com eles – e como nas raquetas de praia ganhava a todos, o meu pai perguntou-me se não gostaria de experimentar. Fiquei muito contente; tinha seis anos, comecei duas vezes por semana, apeguei-me às pessoas do clube e gostei muito; o interesse foi aumentando gradualmente e nunca mais consegui parar. Lembro-me de que ainda não treinava com o Nuno Marques, mas houve um dia em que ele tinha tempo livre e me disse para ir bater umas bolas com ele; deu-me um conselho técnico e, na altura, ele era o meu ídolo, lembro-me perfeitamente de sentir de imediato melhorias e de achar que ele era incrível... e fiquei convencida. Treino com o Nuno Marques há nove anos e isso acaba por influenciar também a minha personalidade. Quase que passo mais tempo com o Nuno do que com os meus pais; os meus pais e o Nuno são as pessoas mais influentes na minha vida e na minha carreira.

O que a pode fazer chegar mais longe na sua carreira e quais os marcos mais importantes até aqui?

Neste ano, há uma aposta clara em torneios do escalão superior; só tenho jogado torneios WTA e Grand Slams, e é importante, porque sinto que tenho nível, mesmo que há uns meses uma lesão me tenha feito perder os níveis físicos e alguma confiança. Mas sinto-me a jogar melhor e a evolução passa por estar mais em torneios deste nível, viajar acompanhada por um treinador, confiar nas minhas capacidades e no meu estilo de jogo agressivo. A primeira vez que joguei no Open da Austrália foi importante, por ter defrontado a Kim Clijsters na Rod Laver Arena; sou hoje uma jogadora muito mais madura do que era nesse dia. Foi uma experiência única que me ajudou a crescer; foi provavelmente o marco mais importante, ou o primeiro grande marco da minha carreira.

Este Centralito foi palco de vários títulos, mas também de uma experiência traumática...

Tenho muito melhores memórias do Centralito do que más. O meu primeiro título nacional foi no Centralito, ainda não tinha sequer 11 anos, ao ganhar o Campeonato Nacional de Sub-12. Lembro-me de todos os encontros! E depois também ganhei aqui um dos meus quatro títulos consecutivos no Campeonato Nacional Absoluto. Perdi aqui aquele encontro do Estoril Open em que tive oito *matchpoints* para ganhar à Arantxa Rus, mas, curiosamente, esse encontro foi um dos que o Nuno Marques mais gostou de me ver jogar, porque acha que fui corajosa e

gostou do nível a que joguei – acho que todos os jogadores passam por uma experiência do género, de perder encontros em que desperdiçaram vários *matchpoints*. Obviamente, na altura, não achamos, e gosto de acreditar que aprendo mais com os encontros que ganho, mas aprende-se mais com derrotas do que com vitórias.

Convive cada vez mais com jogadores de elite no circuito, alguns que conhece desde os escalões etários juvenis; quais são as personalidades mais marcantes?

O meu preferido sempre foi o Roger Federer. O estilo de jogo dele fascina-me. Mas se antes queria que ele ganhasse tudo, agora isso já não se verifica. Agora não digo que prefiro um só jogador, também gosto de ver o Novak Djokovic jogar e gosto de ver o Rafael Nadal pela atitude dele. No ano passado, li a biografia do Nadal e gostei muito, a nível mental é fortíssimo e é um exemplo, além de o João Sousa mo ter apresentado e de ter convivido um pouco com ele; é claro que é uma referência, mas vê-se que é uma pessoa normal e humilde. Relativamente às senhoras, não tenho nenhum ídolo; acho que a Serena Williams é uma jogadora impressionante, a sua potência e explosão fazem com que seja melhor do que qualquer outra neste momento. Também gosto do jogo da Maria Sharapova, é mais ou menos como o meu.

Na sua vida de tenista, quando é que o tempo anda mais devagar e mais depressa?

Quando estou no campo, o tempo passa rapidamente, porque adoro o que faço – mais a competir do que a treinar, mas a treinar também não faço nenhum frete e o tempo passa depressa. Diria que o tempo passa mais devagar, como aconteceu recentemente em Roland Garros, com chuva e interrupções que nos fazem esperar. Mas o tempo dentro do campo compensa os tempos de espera. E dentro do campo há o tempo entre os pontos que os jogadores gerem de maneira diferente; pessoalmente, preocupo-me em recuperar do ponto anterior e concentro-me nas minhas rotinas de modo a preparar-me para o ponto seguinte, mas a gestão dos jogadores não passa por olhar para o relógio – é mais por sensações.

Qual é a sensação de jogar com um TAG Heuer Professional Sports Watch no pulso?

A TAG Heuer é uma marca com um prestígio enorme e sempre gostei dos seus relógios. É um privilégio poder estar associada a uma marca assim e o relógio é supercómodo, muito leve... eu não costumava jogar de relógio. Desde que o tenho, já o utilizei em Bruxelas, em Roland Garros, e estou totalmente habituada. Praticamente não sinto que o relógio está no pulso...



Quando estou no campo o tempo passa rapidamente porque adoro o que faço – mais a competir do que a treinar, mas a treinar também não faço nenhum frete e o tempo passa depressa. Diria que o tempo passa mais devagar, como aconteceu recentemente em Roland Garros, com chuva e interrupções que nos fazem esperar. Mas o tempo dentro do campo compensa os tempos de espera.

Maria João Koehler

(Página anterior)

TAG Heuer
Formula 1 Ceramic Bicolor

Referência: **WAH1221.BB0865**
Preço: **€ 2.980**

TAG Heuer
Aquaracer Lady

Referência: **WAF1312.BA0817**
Preço: **€ 2.450**

Vestidos **Dior**, Loja das Meias
Brincos **Shourouk**, Loja XXI PR
Cabelo, **Paulo Vieira**
Maquilhagem, **Elodie Fiuza**